

Cotidiano: passar do tempo através de cenas urbanas

**Mariana
Kobayashi
Lensoni**

Orientação:
**Clice de Toledo
Sanjar Mazzilli**

Cotidiano:
passar do tempo
através de
cenas urbanas

Mariana Kobayashi Lensoni

Orientação:

Clice de Toledo Sanjar Mazzilli

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo
2021

Agradecimentos

À Clice pela orientação, ouvidos e comentários motivadores que me faziam sair mais confiante a cada encontro.

À Nat pela companhia nos atendimentos e desabafos por mensagem.

Ao VideoFau pelo auxílio e disponibilidade.

Ao Rafael, Luiza, Perri, Chiba, Gabs e Mirella por terem ouvido, assistido e participado desse processo.

Ao Rafael, novamente, por me deixar filma-lo.

À minha família pelo apoio e envolvimento.

Ao meu irmão, por tudo. Por ter lido.

Resumo

Este trabalho é uma produção audiovisual sobre o cotidiano e o passar do tempo ilustrado no período de uma semana. Realizado e baseado em cima de questionamentos - como as dificuldades de representar o avanço temporal e as diferenças entre os dias da semana -, este projeto foi desenvolvido em cima de um método experimental e fundamentado, principalmente, na prática da observação. Chegada a conclusão de que as diferenças dos dias úteis da semana são marcadas pelas atividades pessoais, o trabalho tomou como guia a conclusão de que todos os dias são iguais, exceto o fim de semana. Com o objetivo de fundamentar isso na produção final, uma composição de sons ambientes foram retirados das gravações e formaram uma base, de modo que todos os dias possuíssem a mesma trilha sonora. O sábado e o domingo abordam narrativas características de seus dias, enquanto que para a semana, foram criadas histórias baseadas no local em que as atividades acontecem, visto que cinco principais ambientes abrigam o cotidiano de um bairro, são eles: o interior de uma casa, a rua, a fachada, o transporte e os estabelecimentos comerciais. O resultado obtido foi de sete vídeos de dois minutos cada, que idealmente devem ser exibidos de forma contínua - assim como acontece com o passar das semanas - e que representam uma rotina semanal.

Palavras-chaves: cotidiano, tempo, semana, rotina, audiovisual

Abstract

This work is an audiovisual production about daily life and the passing of time illustrated in the period of a week. Based on questions - such as the difficulties of representing the passage of time and the differences between the days of the week -, this project was developed based on an experimental method and founded, mainly, on the practice of observation. Having reached the conclusion that the differences between the weekdays are marked by personal activities, the work took as a guide the conclusion that all days are the same, except for the weekend. In order to substantiate this in the final production, a composition of ambient sounds were taken from the recordings and formed a basis, so that all days would have the same soundtrack. Saturday and Sunday address narratives characteristic of their days, while for the week, stories were created based on the place where the activities take place. The five main environments that house the daily life of a neighborhood are: the interior of a house, the street, the facade, transportation, and commercial establishments. The result was seven two-minute videos, which ideally should be shown continuously - as the weeks go by - and which represent a weekly routine.

Keywords: everyday life, time, week, routine, audiovisual

Apresentação

Ao pensar no meu trabalho final, sempre imaginei fazer algo prático, que demandasse experimentações e que fosse além do teórico e do projeto, mas que resultasse em um produto final.

A escolha do audiovisual veio de uma curiosidade e vontade pessoal. Um dos motivos é a diversidade de formas e formatos que ele te oferece para explorar e, principalmente, para expor. O outro era a falta de experiência e oportunidades de trabalhar com esse meio de comunicação durante a faculdade.

Eu já tinha trabalhado com o tema cotidiano em outras ocasiões, com outras abordagens e outras técnicas de representação, mas este em específico me permitiu construir a narrativa de uma forma mais pessoal. O caráter observador, o olhar calibrado para ver semelhanças e o uso do humor em algumas situações são características minhas que moldaram a abordagem usada neste tema tão abrangente.

A escolha do tema e formato do trabalho foi complicada, pois, apesar de ter um desejo de trabalhar com algo mais artístico e experimental, não queria que as limitações impostas pela quarentena ditassem o caminho do trabalho ou se tornassem desculpas para o resultado não ser o esperado. Trabalhar com o cotidiano e escolher o formato audiovisual permitiu que eu contornasse vários desses possíveis restringimentos, pela possibilidade de usar equipamento próprio e ter o objeto de estudo sempre em alcance.

Antes de ler, assista ao vídeo
resultado desse trabalho.

Clique aqui

Ou leia o QR Code:



Sumário

15	Introdução
21	Todos os dias são iguais
29	Linguagem
41	Cotidiano
97	Considerações finais
98	Referências

Introdução

1. O Show de Truman (The Truman Show), filme norte-americano dirigido por Peter Weir e estrelado por Jim Carrey, 1998.

Como representar o passar do tempo? No filme O Show de Truman¹, a evolução do tempo é ilustrada com uso de iluminação artificial que transforma o dia em noite - utilizando de ferramentas que mudam do sol, para a chuva e para a tempestade no apertar de um botão.

Truman foi o primeiro bebê adotado por uma empresa e é o protagonista de um programa de televisão que ele não sabe que faz parte. Sua vida se passa em cenários que foram criados dentro de um estúdio e controlados pelo idealizador do programa, assim como os seus acontecimentos, roteirizados de maneira a criar a vida de Truman, que é exibida para milhões de pessoas, 24 horas por dia e sem interrupção.

No final do filme, Truman está desaparecido. É noite e ninguém consegue encontrá-lo. O idealizador então ordena que acendam o sol e transformem em dia, apesar de faltar horas para o mesmo nascer. Naquele momento, naquela realidade criada, um dos dias não teve 24 horas.

Isso me fez questionar e criar alguns cenários. Se, por exemplo, o programa se tornasse famoso em dois países com fuso horários diferentes?



Imagem 1: Cena do filme *O Show de Truman*, quando sobe as escadas para sair do programa. Do Diário Nordeste.

Ou, e se o formato 24 horas não fosse mais interessante porque os acontecimentos demoravam muito para acontecer? Eles criaram uma realidade em que um dia dura 12 horas? Ao invés de dormir 8 horas, você dormiria 4. Ao invés de fazer três grandes refeições, você faria duas. E se o dia durasse 2 minutos?

Vou refazer a primeira pergunta. Como representar o passar do tempo, no tempo do tempo, ou seja, sem trabalhar com a aceleração da velocidade, de um período longo em um período muito mais curto?

Se fizermos uma associação pelo formato e manuseio e compararmos um cardápio de uma lanchonete com um livro, ao abrir em uma das páginas e se deparar com o título “Pratos do dia”, podemos interpretá-lo como um conto sobre o passar do tempo do período de uma semana e seria justamente uma representação breve, a história de uma semana contada em uma leitura de um minuto.

Outro filme que trabalha com a criação de cenas cotidianas é: *Adeus, Lênin!*². O filme é situ-

ado em 1989 e inicia em um momento no qual a Alemanha era dividida em duas partes fundamentalmente diferentes quanto às suas ideologias, a ocidental e a oriental. Neste contexto, ele retrata a história de uma mãe socialista que ficou em coma por 8 meses e acordou somente após a queda do muro de Berlim. Durante esse período, houve a união dessas duas metades do país e sua cidade, Berlim Oriental, havia sido invadida pelos avanços capitalistas. O médico alertou que a condição de saúde da mãe não era boa e ela não aguentaria mais um choque, então os filhos resolveram fingir que a Alemanha continuava dividida.

2 Adeus, Lênin! (Good Bye Lenin!), filme alemão dirigido por Wolfgang Becker, 2003.



Imagem 2: Cena do filme alemão *Adeus, Lênin!* em que os filhos fazem uma viagem de carro com a mãe, mas ela é vendada para não ver a realidade em que o mundo se encontra.

O exercício dos filhos era recriar cenários e situações para criar a ilusão de que o tempo não havia passado. Os diversos elementos que entregavam o avanço temporal eram de cunho cultural. As mudanças visíveis aos olhos diziam respeito à influência que Berlim Ocidental causou no mercado consumidor, como estilos de roupas, marcas de

comida, novos produtos, programas de TV e campanhas de propaganda. As outras mudanças foram as que causaram uma alteração de rotina, como novos tipos de empregos, novo estilo de vida e a perda de costumes socialistas.

A influência cultural na nossa rotina é muito grande. Da mesma forma que ela foi o ponto chave para os irmãos conseguirem criar a ilusão de que a Alemanha ainda estava dividida e que eles ainda viviam em um regime socialista, ela também é fundamental para entender as questões cotidianas de outras localidades e grupo de pessoas. Não existe uma descrição de rotina que se encaixe para todos os seres humanos. A fim de entender e observar esses padrões é preciso definir um nicho e um recorte, só assim essas semelhanças podem ser observadas.

No desenvolver deste trabalho eu observei o que me é mais próximo: meu bairro. Na verdade, meus bairros. Foi um recorte bastante pessoal, mas que me permitiu a observação e análise constante deste cotidiano, além de já ter um prévio entendimento de como eles funcionam. A localização já diz bastante sobre eles, são bairros centrais, perto de grandes avenidas, bem dispostos de transporte público, perto de universidades particulares e pública, bem servidos de hospitais, com espaços culturais e, atualmente, foco de novos empreendimentos.

Com esses atributos, é possível se esperar algumas coisas: grandes fluxos de carros nas avenidas e de pessoas nos metrô e ônibus; uma região também residencial e recheada de estabelecimentos para atender os estudantes; ruas sempre movimentadas com o fluxo dos hospitais, avenidas e transportes; ambulantes nas entradas de metrô,

hospitais e espaços culturais; e bastante obras.

Todos esses pontos são verdade e mostram a relação que a identidade da região tem com a sua infraestrutura e espaços de trabalho. O cotidiano da Vila Clementino³ e do Paraíso⁴ é construído dentro de uma multiplicidade de espaços e atividades, sendo o palco: a rua; a fachada; o transporte; o comércio; e a casa; e os atores as formas de ocupação desses cenários, seja para lazer, trabalho ou passagem.

Na introdução do capítulo Caminhadas pela cidade, Certeau questiona de onde surgiu a vontade de ver a cidade de cima. Para ele, essa atividade ignora os comportamentos do dia-a-dia e, assim, exclui as práticas e as operações dos pedestres, ressaltando a importância dos caminhantes para a construção da história da cidade e seu cotidiano.

3. Vila Clementino, bairro da zona sul de São Paulo. Metade pertence ao distrito da Vila Mariana e outra metade ao distrito da Saúde

4. Paraíso, bairro da zona central-sul de São Paulo.

“Mas ‘embaixo’, a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wandersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se vêem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra.”⁵

5. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Pg 171. - Tradução Ephraim Ferreira Alves

Todos os dias são iguais

6. Alexander Bellos, escritor, locutor e comunicador matemático britânico. Formado em Matemática e Filosofia pela Universidade de Oxford.

7. Alex através do espelho: Como a vida reflete os números e como os números refletem a vida (Alex Through the Looking-Glass), livro escrito por Alex Bellos, publicado em 2014.

8. Descanso religioso que os judeus, segundo a lei de Moisés, devem observar no sétimo dia da semana, consagrado a Jeová.

O escritor, Alex Bellos⁶, revela em seu livro, *Alex através do espelho*⁷, que o tempo foi uma das primeiras coisas que o ser humano contou. Ao observar eventos tão grandes como o nascer e pôr do sol, o homem cravava em gravetos e fazia manchas em rochas para marcar o passar de mais um dia. Quanto aos primeiros calendários, eles eram baseados em fenômenos astronômicos, como o ciclo da lua, que variava de 29 a 30 dias.

A semana de 7 dias é a mais longa tradição de calendário sem interrupção. No meio do primeiro milênio A.C, os judeus introduziram um novo sistema, o Sabá⁸ seria a cada sete dias ad infinitum, visto que Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo descansou. Outros haviam usado previamente o período de sete dias, mas essa foi a primeira vez como um ciclo infinito e não intercalado com ciclos de outra duração. Sobre isso, Bellos diz:

“O ciclo contínuo de sete dias foi um passo à frente significativo para a humanidade. Ele nos emancipou da constante cumplidade com a Natureza, colocando a regularidade numérica no centro da prática religiosa e da organização social”⁹

9. BELLOS, Alex. Alex Through the Looking-Glass. Tradução nossa

10. Em 2020 iniciou-se uma grande crise de saúde pública mundial. Foi encontrado um novo vírus chamado SARS-CoV-2 responsável por causar a doença COVID-19. Sua transmissão é muito rápida e rapidamente tomou proporções de pandemia.

11. Primeiro caso confirmado de COVID-19 no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020. A primeira quarentena decretada em São Paulo foi em 20 de março de 2020.

Apesar do esforço para não ter um trabalho ditado pelas restrições da pandemia¹⁰, a escolha do tema cotidiano tornou inevitável a presença de algumas influências. A principal delas foi a percepção de que todos os dias são iguais - e digo principal porque foi ela que norteou o desenvolvimento deste projeto.

Os incontáveis dias passados dentro de casa foram aos poucos nos tirando a noção do passar do tempo e da chegada do tão esperado fim de semana. Isso aconteceu porque todos os dias passaram a ter a mesma rotina e perderam os eventos que os tornavam distintos. Na quarentena esse questionamento chegou ao seu extremo, visto que até o fim de semana se tornou confundível com um dia útil.

Refletindo sobre o tempo pré-pandemia¹¹, após essa percepção, três coisas diferenciavam os dias entre si, elas eram: atividades e eventos semanais; proximidade com o fim de semana; e costumes culturais.

As atividades corriqueiras que acontecem com intervalo de uma semana são as que realmente acrescentam algo que diferencia cada dia, uma vez que causam alteração na rotina. Os dias que você trabalha são abordados de formas diferentes dos de descanso; quando tem alguma aula que acontece uma ou duas vezes na semana, ela pode mudar o seu modo de locomoção, o horário de alguma refeição ou o horário que dorme ou acorda; se você dirige, as mesmas alterações podem ser consequência do rodízio. Alguns eventos podem também acrescentar uma bagagem emocional e servir para rotular algum dia como cansativo, independente da quantidade de afazeres, ou melhorar o humor da semana. Mas essas peculiaridades são pessoais, tirando os dias de descanso, elas não se

aplicam à rotina de uma maioria a ponto de ser característico de algum dia específico.

A proximidade com o fim de semana atribui qualidades distintas aos dias, mas elas são pessoais e podem trazer motivações diferentes de uma pessoa para outra. Conversando com minha amiga Mirella sobre isso, ela pontuou os sentimentos de alguns dias para ela.

“Segunda-feira é aquele dia mais duro, mais pesado. Você acorda atrasado, tem mais coisas para fazer, tudo que você ignorou no fim de semana.”

Para mim, particularmente, a segunda é o dia em que eu gosto de começar coisas novas. Por ser o primeiro dia da semana, ela já tem a característica de ser inaugural, além de facilitar na contagem do tempo dentro de um projeto e por estar descansada do final de semana. Para alguns também pode ser visto como mais duro, mas por ser um dia de ressaca.

No meu modo de ver, a terça-feira pode ter duas visões, as duas se adequam a frase constantemente usada: “ainda é terça”, já que as duas reconhecem o dia como pertencente ao começo da semana. A visão otimista usa o advérbio ainda no sentido de que há oportunidades para fazer mais, visto que a semana acabou de começar. A outra diz respeito à principal interpretação da frase: expressar que muita coisa já aconteceu, seja porque o tempo está passando devagar ou porque você já está demonstrando sinais de cansaço.

“Aí quarta é aquele dia que você tá sendo produtivo, mais imerso na rotina.”

Na quarta-feira eu também estou mais imersa na rotina, mas nem sempre isso significa que eu estou sendo produtiva, normalmente a repetição me tira o interesse e, por tanto, a produtividade.

“E quinta é o dia que você começa a relaxar, você pode até sair do trabalho mais cedo, dia de happy hour.”

Novamente para mim é o contrário. Como sexta-feira é o dia mais cheio, por conta das coisas para fazer antes do fim de semana, quinta é o dia que eu tento adiantar o máximo possível para que então na sexta, eu tente sair o mais cedo.

Sexta-feira. Sobre ela dá para concordar que ela fecha uma etapa da semana, mas para os que gostam de aproveitar o dia para ir em festas, ela também pode ser considerada como o início do fim de semana.

Alguns costumes culturais acrescentam no nosso dia a dia algumas peculiaridades a determinados dias, como por exemplo os programas de TV dos canais abertos no fim de semana; o almoço de domingo com a família, muitas vezes na casa da avó; e a comida típica de cada dia.

Ovo Frito
Histórias para Acordar de Diléa Frate

“A Páscoa é do chocolate, o Natal é do panetone, o brigadeiro é do aniversário, o bacalhau é da semana santa, a pizza é do sábado, o churrasco do domingo... e o ovo frito? É de que dia? Nenhum, em especial.

Por causa dessa injustiça, o ovo frito vivia revoltado: por que ele, nutritivo, barato e fácil de fazer, não tinha um dia só dele? Assim, foi instituído o dia do ovo frito: todas as segundas-feiras, dia em que geralmente a geladeira está vazia e a mãe não tem tempo de cozinhar. Como isso acontece em várias partes do mundo, reunidas num congresso internacional sobre ovo frito, as autoridades decidiram criar o Dia Mundial do Ovo Frito, que é o dia em que todas as pessoas do planeta comem ovo frito em homenagem ao ovo frito.

Nesse dia, governadores, prefeitos, mães e professoras fazem discursos enaltecendo o ovo frito. Todos participam da festa, menos as galinhas, que ficam do lado de fora protestando com faixas, cartazes e megafones: CÓ-CÓ-RÓ-CÓ-CÓ!”¹²

12. FRATE, Diléa. Histórias para acordar. Ovo Frito. São Paulo. Companhia das Letras. Pg 21.

13. Sigla utilizada para Prato feito. É uma refeição completa, leva como base arroz, feijão, salada e uma proteína. Também é chamado em alguns lugares de comercial.

De sexta a domingo é o período de pedir pizza, quarta e sábado são os dias da feijoada, frango assado de padaria se vende aos domingos. Além desses, existe o prato feito que define uma comida para cada dia da semana: segunda é virado à paulista, terça bife a rolê, quarta feijoada, quinta macarronada e sexta dia de peixe. Este costume de PF¹³ do dia é regional e mesmo para alguns paulistanos, ele pode passar batido se não tiver o costume de comer em lanchonetes ou botecos.

No fim desse processo de observar mais a fundo cada dia da semana e de procurar particularidades em cada um para encontrar formas de representá-los, cheguei à conclusão de que a maioria das particularidades são de cunho pessoal e apenas o fim de semana contém eventos que o torna distinto para uma maioria. No caso dos dias de semana, os costumes são pregados apenas por um grupo de pessoas, o que, de forma geral, não o diferencia para o resto das pessoas não pertencentes a este grupo. Exceto pela feijoada de quarta-feira que se tornou um conhecimento geral e pelos bares e botecos estarem cheios na sexta-feira após o expediente ou faculdade.

Linguagem

Como surgiu

A escolha do formato e idealização do projeto veio de visitas à museus, pesquisa sobre exposições que eu já havia visitado e conversas sobre as minhas ideias com amigos, parentes, nas reuniões de orientação e encontros na disciplina de TFG¹⁴. A escolha do tema foi simultânea à escolha do formato, em nenhum momento eu tive o desejo de trabalhar um deles e tive que procurar o outro para a idealização do projeto, mas o que aconteceu foi que, depois de tanta indecisão e reflexões nessa etapa, quando veio a ideia do conjunto, eu tive certeza de que meu tema estava escolhido.

Uma das exposições que visitei foi Miguel Rio Branco: Palavras cruzadas¹⁵ e ela foi fundamental para fomentar o desejo de trabalhar com audiovisual. Dois pontos me chamaram a atenção: a luz que vinha das fotografias, o que me fez lembrar ao vídeo por parecerem telas de TV, e a arquitetura do espaço que construiu um ambiente em que você observava vários conjuntos de fotos ao mesmo tempo e em planos diferentes. Isso me fez imaginar cenas acontecendo ao mesmo tempo, ex-

14. Trabalho Final de Graduação.

15. Miguel Rio Branco, respeitado fotógrafo brasileiro contemporâneo. *Palavras cruzadas, sonhadas, rasgadas, roubadas, usadas, sangradas* nome da exposição dele que aconteceu no IMS em 2021.

postas em paredes diferentes, mas que pudessem ser vistas no canto do olho enquanto você observa uma outra cena em primeiro plano.



Imagem 3: Foto da exposição *Miguel Rio Branco: Palavras cruzadas, sonhadas, rasgadas, roubadas, usadas, sangradas* no IMS Paulista, São Paulo, 2021. Foto do IMS.

16. Seção Técnica de Audiovisual da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da USP. Tem por finalidade realizar o registro, produção, difusão e preservação de conteúdo audiovisual em sintonia com as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidas pela comunidade de alunos, professores, pesquisadores e funcionários da FAUUSP.

Tema e formato decidido, eu saí a campo com uma câmera para começar a observar e fazer algumas gravações testes. Além do cotidiano, o passar do tempo e do formato vídeo, não havia mais nada decidido. Um ponto que eu tinha em mente até o momento era representar as particularidades de cada dia, então peguei um tripé emprestado com o FotoVideoFAU¹⁶ e fui filmar em uma das feiras perto de casa. Foi nesse momento que o trabalho começou a surgir, não por ter as primeiras gravações, mas por reconhecer quais eram as dificuldades e pelas primeiras pontuações e observações reais e não apenas do campo da suposição.

Processo experimental

Este é o ponto chefe deste trabalho. Toda a construção e evolução no projeto aconteceu baseada em cima da experimentação. Ir para a rua foi fundamental nos momentos em que eu tinha uma ideia em mente e mais ainda nos que eu estava sem ideia.

Estar na rua e observá-la, colaborou para o crescimento da narrativa, e não deveria ser diferente, visto que ela é palco da maior parte do vídeo. Outro grande contribuinte foi o momento de assistir as gravações feitas. Após as conclusões chegadas em campo, rever as mesmas cenas através do formato em que o projeto final seria apresentado, me fez repensar algumas coisas e pontuar novas.

Para entender a importância das experimentações, elas estiveram presentes na etapa de construção do tema e da narrativa, intercalando com: os momentos sem ideias, os momentos que surgiam novas ideias, conversas sobre o que estava na minha cabeça, busca por referências e reflexões sobre o tema. Ela também esteve presente no processo de gravação, testando novas formas de filmagem e abordagem, e na parte final de edição do vídeo, principalmente porque foi minha primeira vez editando, mas também para achar novas soluções para a dificuldade que era representar um dia inteiro num curto período de, em média, 2 minutos e sempre com o mesmo som de fundo.

Por conta desse processo, o projeto foi se construindo semana a semana e só acabou a fase de criação quando foi concluído.

Formato

Três coisas nortearam o formato final do trabalho: o áudio, os vídeos e o modo de exposição. Três pilares fundamentais para uma produção audiovisual e que juntos, mas também separados, tomaram várias decisões durante o desenvolvimento.

1. Áudio

O áudio é a base de tudo. Todos os vídeos têm a mesma composição de sons e isso deu à trilha sonora o papel de estruturador das narrativas. Um, por expor o conceito do trabalho de que todos os dias são iguais e, dois, por servir de limitador na construção e edição do vídeo. Como ele foi a primeira coisa editada e a partir dele os vídeos foram encaixados, a trilha limitou o tempo total de cada vídeo, definiu em que frame cada clipe seria incluído e onde seriam os cortes e mudanças de atividades.

Importante pontuar que todos os sons usados foram gravados pela câmera e pertencem a algum dos vídeos feitos para este trabalho, mas nem todas as suas imagens foram utilizadas.

Uma das referências que me sugeriram no começo do trabalho para observar a forma que o cotidiano era retratado, foi o documentário *Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar*¹⁷, de Marcelo Gomes, lançado em 2019 e distribuído pela plataforma Netflix. Uma das cenas que me chamou atenção mostra uma das etapas de costura da confecção de bolsos em calças jeans, na qual o enquadramento inicial mostra apenas a mão do trabalhador e a máquina de costura. A mão dele começa pegando um pedaço de jeans da pilha à

esquerda, o leva até a máquina, passa pela máquina costurando uma das laterais, tira da máquina e coloca a peça em uma nova pilha em seu colo. Por fim, ele retorna a mão para a pilha à esquerda para fazer esse ciclo de novo e depois de novo e assim continuamente.



Imagem 4: Cena de confecção de bolsos, retirada do documentário *Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar*.

O que mais chama a atenção é a brincadeira que o diretor faz com essa cena para mostrar a frustração que esse ciclo repetitivo causa, portando um trabalho executado por um homem, mas que parece mecanizado, e que criou um ritmo próprio sem indícios de interrupção. O vídeo sofre alterações no áudio, primeiro o som é retirado e depois uma música clássica é adicionada, entre essas mudanças o narrador explicita suas ações e o que as motivou a fazê-las.

17. Na cidade de Toritama, considerada um centro ativo do capitalismo local, mais de 20 milhões de jeans são produzidas anualmente em fábricas caseiras. Orgulhosos de serem os próprios chefes, os proprietários destas fábricas trabalham sem parar em todas as épocas do ano, exceto o carnaval: quando chega a semana de folga eles vendem tudo que acumularam e descansam em praias paradisíacas.

**“Decido cortar o som.
O barulho ensurdecedor das máquinas me causa ansiedade.**

**Agora essa repetição desse movimento que me causa angústia.
Coloco uma trilha sonora.
O ballet das mãos se move no compasso das músicas.**

**Filmo de outro ângulo.
A angústia da repetição permanece.”¹⁸**

18. Trecho retirado do documentário *Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar*. Fala do narrador e diretor Marcelo Gomes.

Na época foi apenas uma cena que chamou atenção. Ela, no entanto, passou a ser uma referência no mês seguinte quando eu fui à feira gravar na barraca de peixe, uma das barracas mais cheias do bairro. Entre cortes de filé de pescada, uma cliente chegou pedindo a cabeça de um dos peixes para preparar um caldo para sua moqueca. Aproveitei a oportunidade para filmar a cena do peixeiro cortando as cabeças ao meio e, naquele momento, na feira, eu percebi como aquele som se assemelhava com o som de uma obra.



Imagem 5: Peixeiro cortando a cabeça de atum na feira de sábado no bairro do paraíso.

Foi após esta visita à feira que a ideia de trabalhar com os sons pontuais do cotidiano se tornou uma das opções e mudou a forma com que eu passei a observar o cotidiano à minha volta. Nas gravações, comecei a procurar também por semelhanças sonoras. Isso, no final, acabou se tornando também uma solução para algo que nem teve a oportunidade de se tornar um problema: os vídeos tinham barulhos ambiente de obra, passarinhos, trânsito, motores em geral e pessoas falando. Eram poucas as vezes que o áudio concordava com a ação filmada.

2. Vídeo

O vídeo trabalha em parceria com o áudio e ele, em especial, tem a função de mostrar o passar do tempo, as atividades rotineiras e as diferenças do fim de semana. Foram, então, utilizados cliques curtos para a representação de cada uma das atividades, sempre com a intenção de enfatizar que ela é apenas um pedaço dentro da totalidade de um dia e de dar a sensação do tempo passando rapidamente.

O enquadramento das imagens foi pensado com o intuito de focalizar nas ações ou no ambiente e sem desviar a atenção para as pessoas, ao ponto de erroneamente se entender que elas são personagens daquela história. O foco é para ser apenas as ações do dia e não a aparência de quem as está executando.

A escolha dos vídeos não foi feita pela melhor qualidade ou o trecho mais interessante, mas sim baseada no que encaixaria melhor na batida do áudio. Assim como atividades que acontecem num

período inteiro do dia foram colocadas onde a sua imagem se adequou melhor ao som.

Foram gravados com uma câmera Nikon D3100 e outra D3400, lentes 18-55mm e 55-200mm e, em alguns casos, com apoio de um tripé.

A maioria dos vídeos foram produzidos com a lente 55-200mm, gravados à longa distância e sem consentimento da pessoa filmada, com a intenção de deixar a ação o mais rotineira possível e de não causar alterações no comportamento.

3. Exposição

O modo de exposição foi um constante controlador do trabalho. Como ele esteve presente desde o momento de decisão do tema, ele então guiou algumas ideias e não permitiu que outras avançassem. Uma das que tiveram que ser deixadas de lado foi a exposição de todos os dias simultaneamente na mesma tela que, depois de testes, ficou evidente que em determinados sons o olhar se desviava para um clipe em específico, por conter a imagem original do áudio. Tomada a decisão de que os vídeos seriam então expostos de forma contínua, ou seja, um seguido do outro, a duração de um dia acabou por ser definida em mais ou menos 2 minutos e, assim, a exibição total duraria em torno de 14 minutos.

Importante ressaltar que esse tempo é referente a exibição completa. O vídeo não foi idealizado para ter um começo e um fim, sua exibição pode começar a qualquer momento de qualquer dia. Isso porque ele não foi pensado para representar o intervalo de uma semana. Se você buscar seu significado, quer dizer o espaço entre dois pontos ou o es-

19. Definição encontrada no Dicionário escolar língua portuguesa Michaelis.

paço de tempo entre duas épocas, entre dois fatos ou entre as partes de um espetáculo¹⁹. A produção foi desenhada para ser uma representação cíclica e contínua, assim como é o passar das semanas.



Imagem 6: Frame do trabalho *Anti-Horário* de Gisela Motta e Leandro Lima, 2011

Os artistas Gisela Motta e Leandro Lima contestam essa prática de definir um tempo para uma obra no seu trabalho *Anti-Horário*. Em sua fala para o programa *Curta Artes*, do canal do SescTV, Leandro fala:

“Normalmente quando você expõe um vídeo, na ficha técnica você tem que dizer a duração, qual que é a duração do seu vídeo? [...] Alguns trabalhos eles questionam isso e de alguma maneira esse também. Qual é a duração de fato? Dura 24 horas. Dura 1 hora. Você não precisa assistir uma hora para entender que ele dá a volta. [...] Ele não tem um tempo específico de leitura, você vê como uma pintura, como uma fotografia, você tem um entendimento independentemente da duração.”²⁰

20. Fala de Leandro Lima retirada de vídeo da série Curta Artes do SescTV, episódio sobre a dupla Gisela Motta e Leandro Lima, 2013.

Esse questionamento deles foi importante para me fazer refletir sobre a estrutura do vídeo. Cheguei nas seguintes conclusões: sem começo e sem fim, portanto, sem título nem créditos; o tempo total será consequência do formato de exposição. No youtube o vídeo terá 14 minutos ou será uma playlist com sete vídeos de 2 minutos. Projetado em uma parede será um vídeo infinito em loop que demora 14 minutos para ser passado por completo, ou projetado em várias paredes e o tempo será o que a pessoa levar para assistir, já que as formas de ver são diversas, seja olhando duas projeções ao mesmo tempo, olhando uma de cada vez e assistindo todas ou não assistindo todas.

Quanto ao modo de exposição, eu imagino os vídeos projetados simultaneamente. Com um único sistema de som para todos, os vídeos são projetados em um mesmo ambiente, mas não em uma mesma superfície. A ideia é não conseguir assistir todos ao mesmo tempo, mas ver alguns no canto dos olhos, como a primeira imagem ao lado. A escolha pela projeção é para ter imagens maiores e mais próximas do tamanho real, como na segunda imagem.



Imagem 7: Foto da exposição Miguel Rio Branco: *Palavras cruzadas, sonhadas, rasgadas, roubadas, usadas, sangradas* no IMS Paulista, São Paulo, 2021. Foto própria.



Imagem 8: Foto da exposição de Alfredo Jaar *Lamento das Imagens* no Sesc Pompeia, 2021. Foto própria.

Cotidiano

Escolha dos sons

Como dito anteriormente, todos os sons foram retirados dos vídeos gravados para este trabalho e foram agrupados em uma ordem específica e reproduzidos em todos os dias da semana. Dessa forma, os áudios foram usados em imagens que não as pertencem.

Os sons utilizados, na ordem de apresentação, foram: passarinhos cantando, aviso do metrô quando a porta vai fechar, trem do metrô saindo da plataforma, peixeiro cortando a cabeça do peixe, abrindo o chuveiro, música performada na avenida Paulista e trânsito na avenida.

A composição da ordem levou em consideração o período do dia em que o som pode ser ouvido - sendo que em alguns casos há mais de uma opção -, os vídeos que poderiam ser encaixados neles e, conseqüentemente, em que momento do dia esses vídeos podem pertencer.

Não foi atribuído aos áudios um horário específico do dia, porque se compreende que os dias tem uma dinâmica única e passam de forma diferente. Por isso, foi imposto apenas uma sequência.



Passarinhos

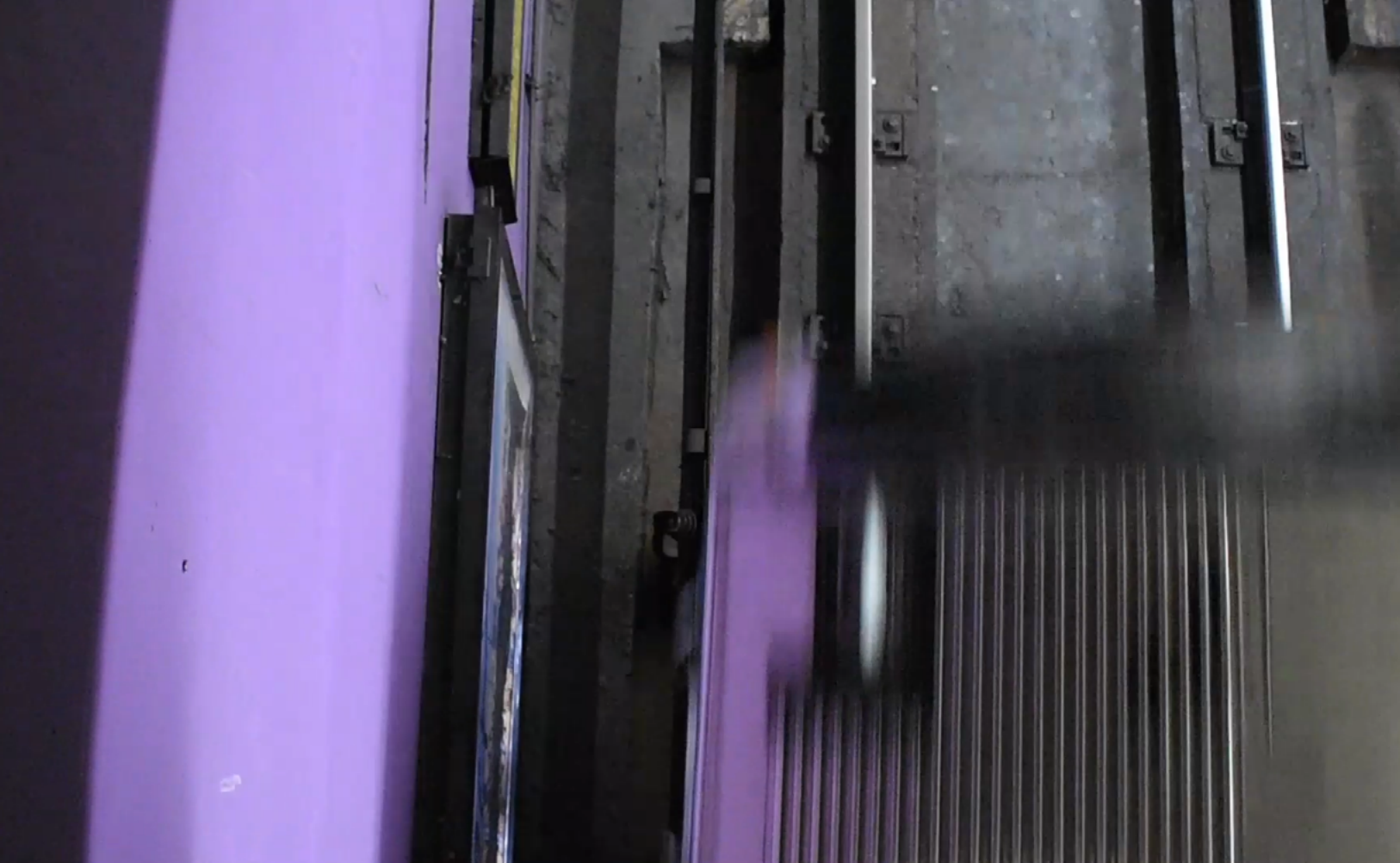
Ao ouvir os cantos dos passarinhos é fácil imaginar que o sol acabou de nascer e eles estão parados no batente da janela. Até mesmo quem nunca presenciou esse momento consegue visualizar, talvez por conta de cenas de filmes clássicos como Branca de Neve e os Sete Anões e Shrek, como as ilustrações abaixo. Mas independente do porquê, esse sentimento geral de começo da manhã que esse canto trás foi um dos motivos para escolher abrir o dia com ele. Além disso, sua escolha também se deu por ele deixar evidente que o som urbano ainda está baixo e a cidade ainda está acordando.

O som foi aproveitado do vídeo dos pintores trabalhando na fachada do novo empreendimento. Ele foi gravado da varanda do meu apartamento, no período da tarde. A imagem do vídeo original foi utilizada para compor o dia da fachada.

Imagem 9: Cena do filme Branca de Neve e os Sete Anões (esquerda).

Imagem 10: Cena da Fiona cantando com um pássaro no filme Shrek (direita).





Combo do metrô

Essa composição de sons do metrô foi usada para marcar o começo das atividades comerciais e o grande fluxo de movimentação pela cidade, independente de ser por transporte público ou privado, ou em direção ao trabalho, faculdade ou escola.

Composto pela dupla: som de alerta do metrô da linha azul antes da porta fechar, gravado de dentro do vagão; e ruído de quando o trem do metrô sai da plataforma, ouvido do andar das catracas na estação Paraíso em uma abertura em cima dos trilhos.

O som do aviso foi incluído, fazendo uma dupla com o som do metrô, para fazer referência a um despertador, já que é em seguida dos passarinhos.



Batida da obra

A batida do peixeiro cortando a cabeça do peixe ao meio foi usada para ser ouvida e entendida como barulho de obra. Essa relação é muito fácil de fazer pelo ritmo que o áudio da feira constrói e também pelo fato de estarmos tão acostumados com o ruído de obra no nosso dia-a-dia. Assim, ao ouvir o áudio, essa é a primeira relação que fazemos na nossa cabeça.

Os vídeos utilizados com esse som em específico foram escolhidos e recortados pensando no encaixe com o ritmo das batidas, na tentativa do áudio parecer o máximo possível como se fosse o original. O peixe só aparece no sábado, então até lá os outros cliques exercem o trabalho de enganar o espectador.



Água caindo

Escovar o dente, dar a descarga, lavar o rosto, encher o copo, tomar banho, lavar a mão, lavar louça, chuva, lavar arroz e por assim vai. Todos os citados são sons de água que ouvimos no decorrer do dia, todos poderiam ser a fonte do som utilizado para representar esse elemento presente em tantas atividades cotidianas, porém o escolhido foi o som do banho, e isso se deu por três motivos.

Primeiro, é um costume no Brasil tomar banho todos os dias e dependendo da época do ano até mais de uma vez. Apesar de parecer super normal, é um costume que parece um exagero para vários estrangeiros. Segundo, e complementar ao primeiro motivo, a imagem do banho não entrou na edição final do vídeo e, para expor esse costume de forma genuína, nada mais justo que colocá-lo em todos os dias da semana. Terceiro, o banho é normalmente acompanhado por músicas, estabelecendo uma conexão e, ainda, transicionando o próprio conteúdo com o som seguinte.



Música

Como comentado no tópico anterior, a música foi incluída neste momento do vídeo para completar a alusão ao banho. O verdadeiro horário da música é o dia inteiro. Há quem ouve antes de sair de casa, no transporte, trabalhando, estudando, nos momentos de cuidados pessoais ou fazendo tarefas domésticas. Colocada nesse período que varia entre pré almoço e final da tarde, ela auxilia na ilusão de um passar do tempo mais rotineiro.

A música escolhida foi gravada em um domingo na avenida paulista, performada por um músico com seu saxofone.



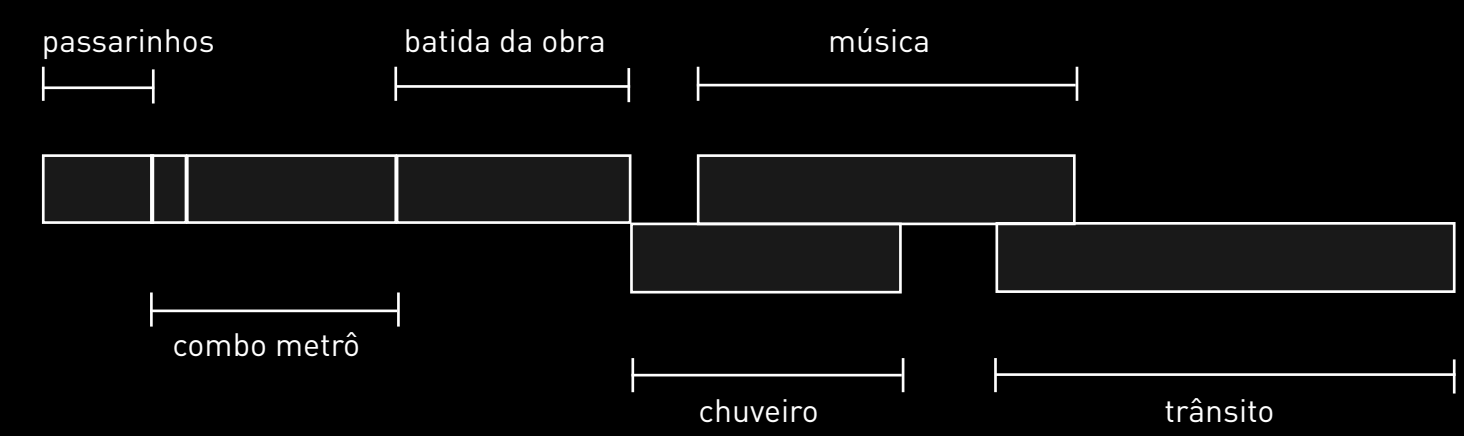
Trânsito

Assim como o metrô, o barulho do trânsito vai além do próprio meio de transporte e representa todos os outros. Complementar a isso, ele marca um momento específico do dia: o fim do expediente.

Seu áudio se estende até o final do dia porque se compreende que mesmo em casa é possível ouvi-lo e que alguns trabalhos não acabam no horário convencional. No bairro, a maioria deles são de transporte, como ubers e entregadores.

Disposição dos áudios

O diagrama abaixo mostra o tamanho de cada áudio e as sobreposições.



Dias da semana

Se apoiando na conclusão de que, salvo atividades pessoais, os dias da semana são iguais e que, por tanto, o cotidiano de um dia pode ser representado igual ao outro. Ao invés de fazer cinco dias contando a mesma narrativa ou criar personagens fictícios para contar o cotidiano deles, optei por dividir esses cinco dias em cinco ambientes em que as atividades cotidianas acontecem.

O primeiro vídeo, por exemplo, acontece dentro de casa. O objetivo dele é mostrar as ações diárias que acontecem dentro do ambiente doméstico e que compõem o cotidiano de um dia. O mesmo acontece no caso dos vídeos que retratam situações de transporte, atividades na fachada, na rua e em ambientes comerciais.

Há, porém, três exceções. No vídeo da fachada tem cenas de feijoada, porque ele é o vídeo da quarta-feira. No comércio aparece o peixe, comida da sexta-feira e a cerveja no bar, também característica deste dia. O peixe pode passar batido por muitas pessoas, mas o bar e a feijoada influenciam o cotidiano das pessoas no geral e, por isso, foram incluídos.

Segue comentários mais específicos e ideias por trás de algumas escolhas.

Em casa

Filmado dentro de duas casas diferentes, o vídeo em casa mostra cenas domésticas. Composto por uma mistura de vídeos de tarefas domiciliares, costumes brasileiros e cenas pessoais, essa sequência procurou tratar o ambiente de forma leve e com um pouco de humor.

A escolha das cenas priorizou ações feitas diariamente ou semanalmente, independente da pessoa trabalhar em casa ou fora. O objetivo era mostrar que todo mundo tem uma rotina dentro de casa no dia a dia, até para quem passa a maior parte do dia fora dela.



A panela de pressão faz referência ao feijão fresquinho, presente em tantas casas. Ela aparece no começo do vídeo porque o preparo é mais longo e precisa começar antes do resto do almoço. Mais pra frente aparece o preparo do arroz, para completar a dupla base da refeição brasileira.



Apesar da máquina desligada, a atividade de lavar roupa foi colocada no som do metrô pela semelhança do som de ambos.



Na moda no momento, o treino de boxe com professor particular está cada vez mais presente na rotina dos apartamentos.



A imagem dos cachorros na entrada serve para ressaltar que o cotidiano dentro de muitas casas é uma casa vazia, ou apenas com os animais de estimação, durante o horário comercial.



O café apareceu duas vezes, para mostrar que seu consumo diário não é único.



A cena do homem se trocando na janela tem um certo humor, por ser uma ação inesperada. O cachorro virando a cabeça para a TV, no intervalo em que o homem está abaixado, chama atenção para a ação seguinte e brinca com a questão dele estar sendo observado.

O vídeo também fecha muito bem o dia com o apagar da luz e o fechar da porta.

Mobilidade

O nome dado para esse clipe não faz referência a nenhum lugar, porque o que as cenas dele tem em comum não é o local em que elas acontecem, é sempre terem a presença direta de um meio de transporte.

As pessoas em fluxo, seja no transporte público ou privado, estão no ambiente do transporte. Mas as pessoas que trabalham com transporte ou são transportadas no trabalho, não ocupam necessariamente esse espaço. Alguns exemplos são os catadores de lixo, entregadores de comida e CET. Tem ainda outros que trabalham diretamente com o carro, mas não se locomovem, eles passam o dia inteiro em pé no posto de gasolina.

Por esse motivo que o vídeo não chama “no transporte”, ou algo parecido.



Piu. Piu. Piu. Um piu para cada pessoa que entra no transporte público.



Uma mistura de transporte público...



e transporte privado.



Como comentado antes, em mobilidade temos os trabalhadores como CET e frentistas que trabalham diretamente com carros, mas não dentro deles.

E os trabalhadores de entrega e retiradas, que durante parte do trabalho não estão sentados no automóvel.

Fachada

Na fachada de prédios residenciais vemos trabalhadores realizando tarefas domésticas ou moradores descansando em seu espaço privado. Na fachada dos estabelecimentos comerciais, vemos clientes e também funcionários em seu horário de trabalho. Os vídeos desse clipe poderiam estar em outros, assim como outros poderiam estar nesse. Neste caso, a diferença é que essas cenas têm uma preocupação com a aparência da fachada.

Também vale ressaltar que, esse vídeo está no lugar da quarta-feira e, por isso, a feijoada foi incluída no cardápio.



Dia.

Noite.



Os vídeos foram acelerados para mostrar a mudança de cor do céu, as nuvens se movendo e as luzes dos apartamentos acendendo e apagando.



Quarta-feira.
Dia de feijoada.

A gente ouve obras de todo lugar, mas as que conseguimos ver, são praticamente todas em fachadas. Por isso, que tirando essas, só tem mais um vídeo obra, ele foi registrado na calçada.



Atividades domésticas que se preocupam com a preservação e aparência da fachada.

Na rua

O foco de na rua são as atividades dos trabalhadores que ocupam a calçada. Entre eles há uma mistura de trabalhos e formas de ocupação. Os ambulantes e vendedores de comidas são estáticos, colocam a sua vendinha em um local e ficam lá até o fim do dia. Garis e separadores de lixo fazem um percurso. O compro ouro se mexe o tempo inteiro, mas sempre no mesmo lugar. Músicos de rua ficam parados e só um período.



Laranja.

Vermelho.

Azul.

Amarelo.

Essas duas cenas foram colocadas uma depois da outra no vídeo por causa do movimento. Primeiro o menino entrega com a mão direita o papel de compro ouro, em seguida, o vendedor de pastel e sucos pega o cartão de crédito com a mão esquerda.



Todo dia ele desenrola um pano na calçada do viaduto, monta uma “vitrine” de livros doados e passa o dia na banca de jornal dele, que agora é usada apenas como depósito de mais livros. No final da tarde ele retira os livros e enrola o pano.



A ideia era usar a cena do gari virando o lixo de rua no som do chuveiro ligando, mas bem no momento que ele vira passa um carro e só dá pra ver o lixo já virado. Por isso, que entre as cenas do gari, foi adicionada a imagem do suco sendo despejado.

Comércio

Os estabelecimentos comerciais ficaram para o último dia da semana para fechar o dia com uma cerveja no bar. Esse vídeo engloba tudo que é relacionado ao comércio. Por esse motivo, vemos atividades que já aconteceram na fachada, na rua ou utilizando algum meio de transporte, mas nesse caso, o foco da cena é mais concentrado na atividade comercial.



Black Mirror. Quinze Milhões de Mérito.
Temporada 1. Episódio 2.

Bing vive programado por telas onipresentes que lhe indicam os passos a seguir a cada dia, precisando pedalar para juntar créditos que o permitam mudar de vida.



Sexta-feira.
Dia de peixe e de bar depois do trabalho.



Sábado

Dia de feira é todo dia, menos segunda. Ou dia de feira é o dia da feira perto de casa. No bairro do Paraíso, as duas feiras mais próximas são de sábado. Na Vila Clementino são de terça, quarta, quinta e domingo, mas a mais frequentada é a do fim de semana. Por esse motivo, e por as filmagens terem sido feitas no sábado, a feira foi alocada no clipe desse dia.

O mesmo problema aconteceu com a pizza. Dá para pedir ela todos os dias, é mais comum às sextas, sábados e domingos, mas ela foi colocada no sábado porque a sexta e o domingo já foram representados por comidas próprias.

A outra atividade do dia é o passeio no parque e é a primeira atividade de lazer que aparece nesse cotidiano.



Movimentos que imitam os sons: o senhor abrindo as asas igual a um pássaro e o menino simulando uma largada com o seu carro.



Na ordem do vídeo: crianças olhando para o fundo do lago; cabeça do peixe sendo cortada ao meio.

A cena das crianças foi escolhida justamente para uma transição entre o parque e a feira.



Uso do reflexo para mostrar várias cenas ao mesmo tempo. Os trabalhadores dentro da pizzeria. Os carros passando na rua. O posto de gasolina.



Verde.



Na cena da piscina, o homem passa em frente a mulher, ao mesmo tempo que no áudio, passa um carro.

Domingo

Dia de ciclofaixa. Paulista aberta. Sol. Bicletas na rua. Pessoas correndo. Cheiro de frango assado nas padarias. Domingão com Huck... Fantástico. Não dormir cedo e não dormir tarde porque amanhã é segunda-feira.



O fogo aquecendo. Reflexos da rua. Quando passa um homem o áudio do dia inicia.



Dia de Formula 1 e de Paulista aberta.



Os frangos piando.

A intenção de colocar os frangos no áudio dos passarinhos era usar um pouco de humor. Mas, esses frangos ainda pálidos ajudam a criar uma noção de passar do tempo, quando o frango aparece novamente, só que pronto e bem assado.



Três cenas assistindo TV.
A primeira em segundo plano, mas super evidente.
A segunda visível pelo reflexo da luz no rosto da pessoa. A terceira ao fundo da cena, em que o foco é outra coisa.



Ao som do aviso, é retirada a placa de PARE.



É dada a largada.



Fluxo constante de bicicletas.



Seguindo na mesma velocidade das bicicletas, aparece um motoboy parando na padaria para retirar frango

Considerações finais

Em cima da tentativa de não ter um trabalho limitado pelas restrições da pandemia, a escolha por um trabalho prático, experimental e na rua, por incrível que pareça, deu muito certo. Ela até ajudou a controlar a inquietação de tanto tempo dentro de casa.

O método de trabalho baseado na experimentação foi fundamental para o resultado obtido. Obviamente ele foi responsável pelas cenas gravadas e pelas reflexões feitas nos processos de observação, mas não somente. Esse método se mostrou uma das principais ferramentas que permitiu que o trabalho fosse conduzido com tanta leveza e prazer.

Fez parte do processo mostrar as edições testes que eu fazia para as pessoas. Ver a reação delas quando percebiam a mistura de sons e imagens trazia muita satisfação, em alguns casos pelo olhar de surpresa e em outros pelo sorriso, mas de qualquer forma, ver uma reação positiva em cima do trabalho era bastante motivador.

Com esse trabalho eu concluo a minha graduação e sinto que ela foi completa. Tive a oportunidade na FAU de trabalhar em várias áreas e sentir um gosto por diversas delas.

Referências

BELLOS, Alex. Alex Through the Looking-glass: How Numbers Reflect Life and Life Reflects Numbers. Bloomsbury.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Editora Vozes. Petrópolis. 1998.

FRATE, Diléa. Histórias para acordar. Ovo Frito. São Paulo. Companhia das Letras. Pg 21.

GOLDHAGEN, Sarah Williams. Welcome to your World: How the Built Enviroment Shapes our Lives.

ADEUS, Lênin! Direção: Wolfgang Becker. Produção: X-Filme Creative Pool. Alemanha: X Verleih AG, 2003.

ANATOMY. Direção: Ola Jankowska. Produção: Opus Film. Polônia. 2021

ASAS do desejo. Direção: Wim Wenders. Produção: Road Movie. Alemanha Ocidental: Basis-Film-Verleih GmbH, 1987.

ENTREMUNDO - Um dia no bairro mais desigual do mundo [Documentário]. Direção: Thiago B. Mendonça e Renata Jardim. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YHmssX8MSLo> . Acesso em 29 julho 2021.

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar [Documentário]. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão e João Vieira Jr. Brasil: Netflix, 2019.

O SHOW de Truman. Direção: Peter Weir. Produção: Paramount Pictures. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1998.

QUINZE Milhões de mérito (Temporada 1, ep. 2). Black Mirror [Seriado]. Direção: Euros Lyn. Produção: Charlie Brooker e Annabel Jones. Reino Unido: Produtora Zeppotron, 2011.

SOUND of noise. Direção: Ola Simonsson e Johannes Stjärne Nilsson. Produção: Bliss. Suécia: Nordisk Film, 2010.

ANTI-HORÁRIO. Produção: Leandro Lima e Gisela Motta. Disponível em: <https://vimeo.com/33529099> . Acesso em 7 dezembro 2021.

BURACO. Produção: Leandro Lima e Gisela Motta. Disponível em: <http://www.blanktape.com.br/works/buraco/> . Acesso em 29 julho 2021.

CURTA Artes: Gisela Motta e Leandro Lima. Publicado pelo canal SescTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pV1ERh64nIY> . Acesso em 29 julho 2021.

PEDRA molhada no céu. Direção: Luisa Carvalho Zucchi. Publicado pelo canal FAUUSP. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/WxmsltWNHgs> . Acesso em 29 julho 2021.

SÓ - Clipão da Quarentena. Por Adriana Calcanhotto. Direção: Murilo Alvesso. Produção: Andrea Franco. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1TMhfkf-ajY> . Acesso em 29 julho 2021.